

O SANTO EM IMAGENS: RELAÇÕES ENTRE CONCEPÇÕES DE SANTIDADE E ICONOGRAFIA NA ÉPOCA MODERNA

Aldilene Marinho César Almeida Diniz*

PALAVRAS-CHAVE: Idade Moderna. Santidade. Iconografia cristã.

O século XVI foi um período bastante turbulento para o fenômeno da santidade. A Igreja Católica atravessava nessa época uma das mais graves crises de sua história, crise da qual a elevação de indivíduos à santidade e o poder de intermediação a eles atribuído constituía um dos pontos centrais das tensões. Assim como na Idade Média, durante a Época Moderna os santos representavam um elo entre os homens e o divino e, ao mesmo tempo, eram apresentados como referência e ideal humano. Entretanto, durante os tempos modernos a concepção de santidade apresenta outras características que a distanciam dos antigos modelos identificados desde os primeiros séculos da história cristã.

Desde o estabelecimento do processo de canonização pontifical, durante a Idade Média, a Igreja vinha promovendo canonizações e incentivando o culto aos seus eleitos. Todavia, conforme Suire “o século XVI é um período muito desfavorável à eclosão da santidade. A canonização pontifical atravessa então a mais grave crise de sua história, posto que nenhum santo é elevado ao altar entre 1523 e 1588”¹ (SUIRE, 1998: 921-922).

De acordo com Christian Renoux, dentre as explicações possíveis para a pausa nas canonizações encontram-se o saque de Roma, ocorrido em 1527 – que teria gerado uma desorganização da Cúria –, a sucessão pontifical e, principalmente, os embates travados com os protestantes (RENOUX, 1995: 6-10). Demonstrativo do modelo de santidade privilegiado pela Igreja no período pós-tridentino, em 1622 deu-se a glorificação de cinco santos de uma única vez: quatro espanhóis e um italiano. Assim, em março do citado ano foram proclamados santos pelo papa Gregório XV: Francisco Xavier; Inácio de Loyola; Isidoro, o Lavrador; Felipe Néri e Teresa de Ávila. Com essa ação sublinha-se fortemente a preferência eclesiástica por grandes

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ No original: *Le XVIe siècle est une période très défavorable à l'éclosion de la sainteté. La canonisation pontificale traverse alors la plus grave crise de son histoire, puisque aucun saint n'est élevé sur les autels entre 1523 et 1588.* (SUIRE, 1998: 921-922).

figuras contemporâneas da Reforma Católica como modelos de santidade propostos pela Igreja de Roma aos seus fiéis, deixando-se aos leigos desempenhar somente um papel secundário no panorama da santidade.

Desde os primeiros séculos cristãos, a percepção do papel dos santos como personificação de modelos de vida e ideais religiosos para os fiéis, conduziu a Igreja católica a configurar um complexo sistema de direcionamento da produção de hagiografias e imagens, mecanismos considerados fundamentais para a divulgação do culto aos santos. Durante a Era Moderna, a veneração aos santos continuou satisfazendo a demanda popular pelo maravilhoso, resistindo inclusive às críticas da Reforma Protestante, como a negação de sua capacidade intercessora. Assim sendo, considerando-se que as imagens de santos tinham como uma de suas principais funções apresentar e difundir modelos de santidade para o fiel, pretende-se discutir algumas possíveis relações entre as concepções de santidade vigentes na Época Moderna e a produção de imagens de santos no mundo católico da mesma época. Para isso, deseja-se promover uma breve discussão relacionando as concepções de santidade verificadas em alguns estudos sobre o tema (VAUCHEZ, 1988; RENOUX, 1995; MERLO, 2005) e uma pequena série de imagens de santos produzidas na Europa católica da Era Moderna, com a finalidade de identificar possíveis interações entre a construção de uma nova concepção de santidade e a produção iconográfica cristã.

A fim de melhor explicitar aquilo que entendemos por santidade cada vez que o termo aparece neste trabalho, tomamos de empréstimo a noção conforme apresentada por André Vauchez em seus estudos sobre as sociedades medievais,

um conjunto de sinais compreendidos imediatamente por todos [...] um verdadeiro código sensorial, tornado banal pela literatura hagiográfica [...] Quer se trate da incorruptibilidade do corpo ou do perfume delicioso que dele emana, das emanações de óleo e de sangue ou dos poderes de irradiação que parecem ter os seus ossos, toda uma série de manifestações concordantes atestam que o influxo e o poder sobrenatural do santo não ficam diminuídos mas, pelo contrário, aumentam com a sua passagem para o além. (VAUCHEZ, 1987: 295)

Além do apresentado por Vauchez, consideramos ainda que a configuração do conceito de santidade criou, além dos limites temporais da Idade Média, uma referência fortemente baseada na realização de milagres e na prática de virtudes como o ascetismo, a renúncia aos prazeres mundanos, a resistência às tentações e o sofrimento em nome de Deus.

Para as sociedades ocidentais dos séculos finais da Idade Média, Vauchez identifica uma concepção de santidade fortemente influenciada pela espiritualidade leiga que teria favorecido a elevação de leigos à glorificação. Já para a Época Moderna, o mesmo autor sugere que os leigos perdem gradativamente sua participação na santidade oficial e enfatiza que “a partir do século XVI, a Igreja romana reserva a glória dos altares a sacerdotes e monges, místicos e doutores” (VAUCHEZ, 1987: 298); conclusão atestada pelas canonizações da época e, com elas, pela onipresença de santos saídos das Ordens religiosas.

Duas eram as formas principais de se fazer conhecer um novo santo e propagar o seu culto: a leitura de suas fontes hagiográficas e a produção de imagens representando passagens de sua vida e seus milagres. Assim, dependendo de sua época de produção, encontramos na iconografia cristã a representação de santos mártires, ascetas, taumaturgos, penitentes, pregadores e místicos, todos devidamente identificados com seus atributos específicos e outros aspectos que o identificam. Tais representações costumam acompanhar o desenvolvimento das concepções de santidade que vão sendo configuradas em diferentes sociedades e em diferentes tempos históricos.

Fonte de pesquisa privilegiada para o desenvolvimento de estudos com o tema da santidade, as imagens de santos produzidas a partir de finais do século XVI apresentam uma verdadeira profusão de representações de episódios místicos, nos quais homens e mulheres, elevados à santidade, são representados em cenas de êxtases, apoteoses e encontros místicos. A predominância de tais temas demonstra uma preferência pela figuração desses temas frente a outros anteriormente privilegiados pela iconografia cristã.

Apresentadas as questões anteriores, passamos agora ao estudo de alguns aspectos das representações figuradas de santos no mundo católico da Era Moderna. Para isso, selecionamos algumas pinturas nas quais se representam Santa Teresa de Ávila, Santo Inácio de Loyola, São Felipe Néri e São Francisco Xavier, quatro dos mais conhecidos santos canonizados no século XVII.

As glorificações ou apoteoses

Em sua acepção formal as palavras canonização, glorificação e apoteose são consideradas sinônimas para referir-se a consagração de alguém à bem-aventurança ou à glória dos céus, como reconhecimento divino de sua santidade. No campo da iconografia cristã o tema da apoteose ou glorificação representa a recepção de um homem (ou mulher), consagrado santo, na esfera celeste. Durante o período medieval, a referência à promoção de uma pessoa à glória eterna era conhecida através das representações de canonizações: cenas nas quais era figurada a reunião

eclesiástica em que fora decidida e proclamada a elevação de um indivíduo à santidade. Já para a Época Moderna, percebe-se que o tema da canonização praticamente desaparece, dando lugar às representações das apoteoses, mais conhecidas no Império Português como glorificações.

Nas imagens que figuram apoteoses, os santos normalmente aparecem em destaque ao centro do quadro, ou na parte inferior da obra, em primeiro plano; de pé e rodeados por anjos, muitas vezes têm os braços estendidos ou erguendo-se em direção ao céu [ver figuras 2 e 4]. Na parte superior ou centro-superior da obra podem aparecer representados a figura de Deus Pai – figurado como um senhor idoso, de longas barbas grisalhas, vestido com uma túnica vermelha, com as mãos estendidas sobre o santo –, da Virgem Maria com seu Filho, ou o próprio Cristo, que recebem a pessoa santa *in glória*.

Existem registros de cenas de apoteoses pintadas ainda no período renascentista², porém o tema conheceu grande difusão somente a partir do século XVII, com a chamada arte da Contrarreforma. Algumas possíveis motivações históricas para o desenvolvimento desse tipo iconográfico podem se encontrar na querela entre protestantes e católicos acerca da legitimidade da intercessão dos santos. No âmbito da Reforma Católica foram publicadas, durante a realização da XXV^a. sessão do Concílio de Trento, as definições dogmáticas sobre a legitimidade da invocação dos santos, o que parece ter contribuído para a figuração de cenas que representam o momento crucial de elevação de um homem à santidade, já que as cenas de apoteose representam a suprema glorificação da figura representada. Assim, no contexto de produção dessas imagens, destacam-se as apoteoses de santos consagrados pela ação contrarreformista como Santo Inácio de Loyola, mas também santos tradicionais da Igreja, dentre eles, São Francisco de Assis e São Domingos de Gusmão.

As visões e êxtases místicos

Na iconografia cristã, as cenas de êxtases representam episódios em que santos e santas são figurados em supostas experiências místicas, fruto de um estado espiritual de profunda introspecção e contemplação do divino através de imagens figuradas ou mentais. De cunho hagiográfico ou produto da tradição oral, as pinturas que representam visões e êxtases, figuram santos arrebatados em súbito desprendimento do mundo, como resultado de intensa meditação e longos períodos de jejum e orações.

A representação dos êxtases já era conhecida desde os tempos medievais, contudo, as novas características iconográficas apresentadas no tema a partir de finais do século XVI constituem grande novidade (MÂLE, 2001: 190). Nas visões e êxtases da Era Moderna,

² Como por exemplo a *Apoteose de Santa Úrsula*, datada de 1491, que atualmente faz parte do acervo da Gallerie dell'Accademia de Veneza.

representa-se uma espécie de fervor interior e um desejo ardente do encontro com Deus. Nas imagens medievais do tema figuram-se santos de semblantes serenos, olhando para o céu – sem que a divindade seja representada –, cercados por uma bela paisagem com plantas, animais e até mesmo uma cidade ao fundo. Já nas imagens modernas, os tons escuros costumam dominar o quadro, compondo-se as imagens com muitas sombras e ambientes envoltos em penumbra. Em meio a esse cenário, os santos aparecem desfalecidos, num entorno fartamente povoado por anjos e, muitas vezes, suportados por um deles [ver figuras 1 e 6]. Nas cenas de visões do mundo moderno também podem aparecer – juntos ou separadamente – a figura do Cristo, da Virgem, de Deus Pai ou da Trindade [ver figura 5]. Nesses casos, e também quando são figurados anjos, a presença divina costuma está representada por uma espécie de ambiente mágico, pleno de nuvens de tons dourados nas quais aparecem envolvidas as pessoas sagradas [ver figuras 3, 4 e 5].

Fora a representação dos chamados santos da Contrarreforma, vale destacar que as imagens de santos tradicionais como São Francisco de Assis sofreram importantes modificações na Época Moderna. A iconografia do santo apresentou nesse período importantes variações e inovações em suas características e temas iconográficos, distanciando-se muitas vezes do vasto repertório de suas representações tradicionais. Assim, é possível verificar que a iconografia de São Francisco começa a apresentar as características de uma santidade mais contemplativa e mística, com a representação do santo em expressões dolorosas e com o corpo desfalecido em êxtase [ver Figura 1]; atributos e aspectos figurativos da santidade do mundo moderno que não faziam parte da tradição iconográfica franciscana.

Assim, essas novas representações que privilegiam largamente a figuração de experiências místicas e não mais os episódios narrativos das vidas dos santos, parecem manter estreitas relações com algumas práticas religiosas das Penínsulas Itálica (MERLO, 2005: 251-253) e Ibérica da Era Moderna, como destaca Célia Borges na seguinte passagem

no decorrer dos séculos XVI, XVII e mesmo até meados do XVIII a busca de um ideal de santidade pautou a vida de inúmeras pessoas na Península Ibérica. Em consequência do movimento instaurado pela Contrarreforma, revigorou-se o interesse pela espiritualidade mística, não só entre religiosos mas igualmente entre leigos. Um número considerável de mulheres se destacou neste processo por se terem aventurado pelos caminhos da religiosidade mais intimista. A crença na possibilidade de ascender a uma esfera divina compôs assim o imaginário da época. A circulação de livros de alta espiritualidade potenciou uma crescente motivação para a vivência de experiências místicas, na esteira do que foram os passos dados por religiosos e, até mesmo, por leigos. Muitos religiosos,

principalmente franciscanos, participaram de círculos de práticas espirituais, ao mesmo tempo que atraíam leigos para as experiências místicas (BORGES, 2005: 1).

As práticas religiosas indicadas acima demandavam imagens que permitissem ressaltar o caráter afetivo das mesmas, no sentido de despertar a empatia do espectador através de um encontro sensorial com o objeto figurado, provocando estímulos emocionais, necessários à plena contemplação mística das imagens. Nesse sentido, as pinturas dos santos produzidas na Era Moderna representam sobremaneira tais características, traduzidas na ambientação do cenário com o predomínio dos tons escuros, num ambiente que sugere o isolamento do mundo e na caracterização das experiências místicas como um contato individual e introspectivo entre o santo e a divindade.

Durante a Época Moderna o fenômeno da santidade esteve relacionado à eclosão de novas práticas devocionais, algumas vezes não reconhecidas pela Igreja (BORGES, 2005: 1), e a renovação de práticas religiosas tradicionais como a retomada do ascetismo e das experiências místicas. Enquanto isso, entre os teólogos da Reforma disseminou-se uma forte rejeição da função mediadora dos santos e ao uso corrente de suas imagens, promovendo violentas críticas contra as formas cultuais consideradas idólatras. De outra parte, entre os meios católicos, a crítica protestante foi respondida com a defesa teológica da mediação dos santos e a reafirmação da legitimidade da veneração dos mesmos através das imagens.

De acordo com Émile Mâle, a representação de tais temas e características nas pinturas dos santos a partir de finais do século XVI se relaciona intimamente com o clima de luta pela fé da Reforma Católica que acabou por exaltar a sensibilidade católica e fez aparecer novos santos e novas representações de santidade “à imagem e semelhança de seu tempo”³ (MÂLE, 2001: 152). Assim, segundo Mâle, “todos esses místicos cumpriam o sonho desse tempo que era a união com Deus” (MÂLE, 2001: 153). Demonstrativo de tal movimento, sabemos que os escritos que discorriam sobre as uniões místicas pululavam na Europa Católica da época (MÂLE, 2001: 153).

Apesar de atualmente muitas dessas imagens se encontrarem em museus espalhados pelo mundo, elas foram produzidas em sua grande maioria para lugares de destaque nos altares das grandes igrejas, consagradas ao santo representado ou à Virgem Maria (MÂLE, 2001: 151); locais estes que favoreciam a contemplação do observador para tais experiências místicas.

³ No original: *a imagen y semejanza de su tiempo* (MÂLE, 2001: 152).

A partir do século XVI, verificamos ainda, em diversas representações iconográficas dos santos, que aparecem algumas novidades relacionadas à santidade mística, quais sejam, diversas imagens de santos medievais e antigos que também passaram a ser representados em cenas de êxtases e encontros místicos; motivos figurativos que não faziam parte de seus programas iconográficos até aquela data. Desse modo, acreditamos que a primazia dos êxtases, visões e encontros místicos nas representações dos santos, expressa também as mudanças palpáveis nas concepções de santidade na Era Moderna que se relacionam diretamente com as mudanças nas práticas religiosas da época. Entretanto, destacamos que, muito mais do que representantes dos anseios da Igreja, dos patrocinadores ou dos artistas, as mudanças nas representações dos santos relacionam-se com um universo muito mais vasto e complexo que envolve desde os direcionamentos da Igreja e a ideologia de suas Ordens até as práticas religiosas dos fiéis. Assim, pretende-se destacar as relações entre produção de imagens e concepções de santidade como algo dinâmico, uma vez que, ao mesmo tempo em que as concepções de santidade ajudaram a configurar novos padrões iconográficos, as imagens devocionais desempenharam também um importante papel no desenvolvimento de novas práticas religiosas e, conseqüentemente, na doutrinação de novos ideais de santidade cristã.

Por fim, gostaria de ressaltar que é preciso ter em mente que a correspondência entre concepção de santidade e iconografia não é assim tão simples. As representações iconográficas não traduzem nem refletem objetivamente ideais ou práticas sociorreligiosas nem estilos de vida. A relação entre esses fatores e a produção imagética existe, obviamente, entretanto sua associação se dá através múltiplos mecanismos e as interações não se dão somente no sentido da religiosidade para iconografia, mas também da iconografia para as práticas religiosas.

Referências bibliográficas:

BORGES, Célia Maia. “Santa Teresa e a Espiritualidade Mística: a circulação de um ideário religioso no mundo atlântico”. In: *O Espaço Atlântico de Antigo Regime: Poderes e Sociedade*. Centro de Estudos de Além-Mar (CHAM), Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.

MÂLE, Émile. *El arte religioso de la Contrarreforma*. Estudios sobre la iconografía del final del siglo XVI y de los siglos XVII e XVIII. Tradução Ana Maria Guasch. Madrid: Ediciones Encuentro, 2001.

MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de São Francisco: História dos frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*. Tradução Ary E. Pintarelli. Petrópolis, RJ: Vozes/FFB, 2005.

RENOUX, Christian. *Sainteté et mystique féminines à l'âge baroque*. Naissance et évolution d'un modèle en France et en Italie. Thèse de doctorat d'histoire, Univ. de Paris I, 1995.

SUIRE, Éric. *La sainteté à l'époque moderne*. Panorama des causes françaises (XVIe-XVIIIe siècle). In: *Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée* T. 110, N°2. 1998. pp. 921-942.

VAUCHEZ, André. *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2^a ed. Roma: École Française de Rome, 1988.

_____. "Santidade". In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 12.

ANEXO



Figura 1. BAGLIONE, Giovanni. *Êxtase de São Francisco*, 1601. Óleo sobre tela, 155 x 117 cm. Art Institute, Chicago. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]



Figura 2. HERRERA, Francisco de (O Jovem). *Apoteose de São Francisco*, 1657. Óleo sobre tela, 570 x 363 cm. Catedral de Sevilha. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]



Figura 3. BACCICCO. *A Visão de São Francisco Xavier*, c. 1675. Óleo sobre tela, 65 x 46 cm. Pinacoteca do Vaticano. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]



Figura 4. BACCICCO. *Apoteose de Santo Inácio*, c. 1685. Óleo sobre tela, 48 x 63,5 cm. Galleria Nazionale d'Arte Antica, Roma. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]



Figura 5. PASSERI, Giuseppe. *Visão de São Felipe Néri*, c. 1700. Óleo sobre tela, 90 x 59 cm. Fitzwilliam Museum, Cambridge. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]

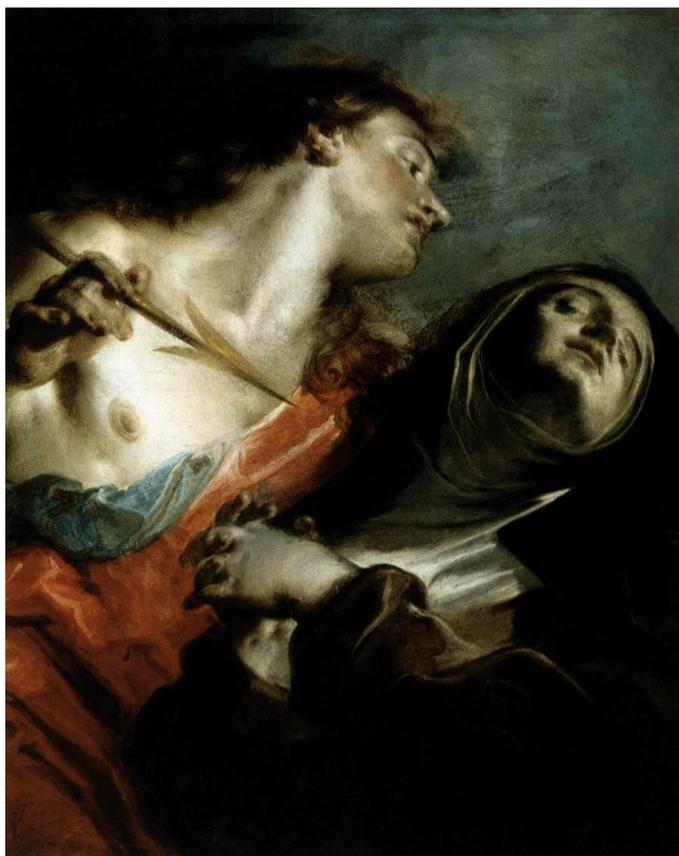


Figura 6. BAZZANI, Giuseppe. *Êxtase de Santa Teresa*, 1745-50. Óleo sobre tela, 76 x 60 cm. Szépművészeti Múzeum, Budapeste. [Fonte: Portal eletrônico Web Gallery of Art]